



“Ensino de História e Patrimônio Histórico”

Coordenadores:

Prof. Ms. Eliana de Souza Rolim & Prof. Dra. Joseane Abílio

**MARUJADA DE CURAÇÁ: PASSADO, PRESENTE, TRADIÇÃO E
POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL**

Eliane dos Santos Souza e Silva
Mestranda em Ensino de História - URCA
elianeprof10@hotmail.com

RESUMO

Este estudo objetiva abordar as possibilidades de trabalhar a História Local através da manifestação cultural da Marujada. A apresentação é parte de uma pesquisa em andamento no mestrado profissional em ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Regional do Cariri. Utiliza-se como metodologia a história oral, trabalhando com as memórias coletivas e individuais, com a realização de rodas de memórias com os marujos, de diferentes faixas etárias tentando compreender os significados e (re)significações dessas memórias. Ao final da pesquisa, pretende-se construir uma caixa de memórias a ser usada em sala de aula com estudantes da educação básica, como forma de contribuir para a construção de conhecimentos significativos sobre as manifestações culturais locais.

Palavras-chave: Marujada; Curaçá; Ensino de História; Memória individual e Coletiva.

MARUJADA DE CURAÇÁ: UM POUCO DE HISTÓRIA

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG

A história da Marujada de Curaçá¹ remonta aos tempos da fundação da cidade. Segundo a tradição, a fundadora de Curaçá, dona Feliciano Maria de Santa Tereza de Jesus, em 1819, mandou vir escravos para trabalhar na construção de uma capela em louvor ao Bom Jesus da Boa Morte, e foi com esses escravos que, de acordo com a tradição oral se iniciou a devoção a São Benedito santo que por ter sido também escravo, era considerado protetor destes (LOPES, 2000).

A Tradição da Marujada é uma manifestação cultural e como tal caracteriza, identifica e representa a cultura do povo curaçaense. Como manifestação viva que é a Marujada de Curaçá é uma manifestação que se renova e se ressignifica a cada ano. Corroborando com Koselleck (2013), os costumes dependem da repetibilidade, para garantir sua constância e é a partir da aplicabilidade repetida que estes se adaptam e se renovam.

Há quase dois séculos, a bandeira de São Benedito percorre as casas da cidade abençoando seus moradores e recebendo as esmolas para a Marujada, em um ritual que se repete, mas que guarda uma particularidade para cada um dos devotos que a acompanham.

Até a década de 60, Mãe Sérgia² era a guardiã da bandeira de São Benedito, filha de escravos, herdou de seu pai, escravo de D. Feliciano, o posto de guardiã da tradição da Marujada. Mesmo após sua morte, com mais de 90 anos, ocorrida no final dos anos 60, a bandeira ainda é guardada em sua casa, assim como os ensaios são realizados em frente da mesma e ano após ano os marujos adentram por suas portas para lhe prestar homenagens.

No dia 30 de dezembro, o levantamento da bandeira e procissão de São Benedito dá início aos festejos. A procissão percorre as ruas da cidade com uma multidão acompanhando o cortejo com velas acesas e cantando louvores a São Benedito.

Muitos seguem descalços ou com uma indumentária específica como pagamento por graças recebidas. O carregamento do mastro com a bandeira, ao som de vivas e fogos, é muito concorrido, visto serem muitos a querer pegar no mastro, para assim demonstrar a sua fé ou pagar promessa feita e atendida.

¹Curaçá é um município localizado no norte da Bahia, distante 468 Km da Capital Salvador, possui uma área territorial de aproximadamente 6,700 Km², com uma extensão de 120 quilômetros margeados pelo Rio São Francisco e uma população estimada em cerca de 35 mil habitantes. Tem sua origem ligada a instalação do Sítio Bom Jesus da Boa Morte as margens do Rio São Francisco, por Dona Feliciano Maria de Santa Tereza de Jesus.

² Assim chamada, por ter ajudado como parteira, a trazer ao mundo um grande número de curaçaenses, na primeira metade do século XX.

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG

No dia 31, os preparativos iniciam-se ainda de madrugada, mesmo que a procissão às vezes, vá até a meia noite. O marujo levanta-se antes de “quebrar a barra” e toma o seu banho, veste sua calça e camisa branca, enfeitadas com fitas de cetim coloridas, põe seus sapatos e meias pretas e com uma forte emoção pega o seu chapéu de palha com um espelho na testa, enfeitado com fitas.

A confecção do chapéu de um marujo é sempre feita com muito cuidado, pois é o reflexo dos espelhos e o colorido dos chapéus que vão proporcionar maior cor e encanto a Marujada.

Depois de pronto, os marujos se dirigem ao rio São Francisco em um ponto um pouco acima da cidade, eles vão tomando seus lugares nos barcos, tocando e cantando e navegam em direção ao Porto da Praça São Benedito, local onde hoje encontra-se uma estátua do santo, e que marca o ponto de início da Marujada.

Na chegada, são recebidos com muitos fogos pela população que os aguarda no cais. Após o desembarque organizam-se em seis filas indiana, sendo 4 filas de homens e 2 de mulheres e tendo um dos instrumentos musicais violão, cavaquinho, pandeiro e surdo à frente de cada uma.

O cortejo tem início. A primeira parada é na Igreja para saudar a bandeira de São Benedito, erguida no dia anterior.

Sempre ao som dos fogos de artifício, partem para o cruzeiro na entrada da cidade, para prestar homenagens aos antepassados, sem nunca parar de cantar e dançar em uma sincronia de movimento com suas fitas coloridas formando um caleidoscópio de cores e emoções.

Após o café da manhã, servido por promesseiros, os marujos seguem em procissão para buscar a Rainha, o Rei e a guarda real. A Rainha é escolhida sempre a partir de uma promessa feita e, seguindo a ordem de uma lista de espera, que pode variar entre 10 até 15 anos. É responsabilidade da família da rainha servir o almoço de todos os marujos. sendo também prerrogativa da família da Rainha a escolha do Rei e da Guarda.

Com sua Rainha, acompanhada do Rei e da sua guarda no altar, os marujos assistem a Missa realizada em louvor a São Benedito. Após a celebração tem início a visitação nas casas, onde são recebidos com comidas e bebidas, servidas em abundância. Entre as bebidas servidas a mais tradicional é o vinho, mas pode ser também cachaça ou mesmo cerveja.

Na Marujada encontramos pessoas das mais diferentes faixas etárias, assim, há desde crianças com 2 anos de idade que precisam ser levadas pelos pais ou parentes, até idosos de 70 anos. É comum encontrar duas ou três gerações de uma mesma família dançando juntos a Marujada, bem como pessoas que ao assistirem os festejos se encantam e passam a fazer parte da mesma. Desta forma, a tradição vai passando de geração a geração e renovando-se com a inserção de novos elementos, ano a ano.

Uma questão que provocou muita inquietação entre os marujos foi a participação de mulheres nos festejos, desde o ano 2000. Após uma assembleia realizada naquele ano, as mulheres passaram a fazer parte da mesma, o que até então era proibido, algumas até se vestiam de marujo, mas acompanhavam o cortejo das calçadas não tendo o direito de entrar na fila e dançar com os homens.

ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA HISTORIA ORAL

O trabalho com a história oral traz para o historiador a possibilidade de trabalhar não apenas com o conhecimento dos fatos, mas, a forma como o grupo que viveu esse fato o percebeu. Nesse tipo de trabalho, muito mais que o acontecimento, o que o historiador busca é a versão desse acontecimento, que é sempre permeada pelas experiências, valores e afetividades daqueles que o vivenciaram, contaram ou recontaram.

Para PAVIANNI, 2011, as interações verbais efetivadas pelos sujeitos acontecem pelo sujeito ao relacionar-se com o mundo e pela capacidade de representação lógica desse mundo. E essas interações ocorrem prioritariamente, através da oralidade. Corroborando com FREITAS, 2010: “as histórias preenchem duas funções fundamentais nas nossas vidas: identificação e orientação”. É através do oral que as famílias repassam histórias e valores a seus pares, que grupos constroem sua identidade coletiva, que as pessoas relacionam-se, num primeiro momento com o mundo.

No entanto, as histórias orais têm sido relegadas a um espaço desprivilegiado, em detrimento do registro escrito, sendo consideradas de menor importância na maioria dos grupos sociais.

Muito tem se falado sobre a importância do uso da história oral para dar voz aos excluídos, as classes minoritárias, aqueles que estavam às margens. Como salienta FRANÇOIS, 2006, a história oral “dá atenção especial aos ‘dominados’, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais etc), a história do cotidiano

e da vida privada (numa tradição que é o oposto da tradição francesa da história da vida cotidiana) à história local e enraizada”.

Histórias essas que, ao se trabalhar com outras fontes, como as escritas por exemplo, se perderiam nas brumas do tempo, haja vista esses grupos serem exatamente os que tem menos probabilidades de realizarem registros escritos de suas vidas, trajetórias e formas de ver o mundo. Além disso, quando tem suas histórias registradas são sempre a partir da visão do outro, com aspectos que na maioria das vezes podem ser apenas inferidos, já que a partir do registro alheio é impossível captar, qual foi a construção que esse grupo fez de si mesmo.

Depois da invenção do gravador, no início século XIX a história oral ganha novo ímpeto, com a possibilidade dos depoimentos ficarem gravados, e utilizadas como provas, exigência feita pelos críticos da história oral. Essas histórias “vistas de baixo” passaram a ser registradas e também divulgadas em diversas publicações, trazendo tanto para a academia quanto para o grande público questões relativas a esses grupos, possibilitando a escrita de uma história dos excluídos.

Porém, apenas o instrumento e a possibilidade do registro não garante a transmissão dos aspectos identitários de determinado grupo social ou cultura de um povo. Essa história precisa ser escrita, para que os “excluídos” possam ser ouvidos.

Cabe ao historiador se precaver para que na tentativa de dar voz a esses grupos não caia na armadilha de fazer apenas a história denuncia desprovida da necessária reflexão teórica, imprescindível ao fazer histórico. É a teoria que oferece os meios para refletir sobre esse conhecimento, embasando e orientando o trabalho dos historiadores, aí incluídos os que trabalham com fontes orais (AMADO e FERREIRA, 2006). É apenas na reflexão ancorada em um aporte teórico sólido que o historiador poderá encontrar as respostas para as questões postas.

Partindo desse pressuposto, o papel do historiador torna-se imprescindível para o trabalho com as histórias orais para que, além de relatos individuais, carregados de subjetividades estas sejam ancoradas em reflexões teóricas que consolidem esses registros.

Um exemplo do papel do historiador pode ser percebido no registro das manifestações culturais como a marujada no município de Curaçá, interior da Bahia. Ao se utilizar a Marujada como possibilidade de Ensino de História Local, a partir de fontes orais, deve-se buscar compreender os aspectos que tornam a Marujada um elemento identitário daquela comunidade, quais são os seus aspectos que mudaram e

permaneceram ao longo das gerações, e como ela se insere em um contexto maior que é o do patrimônio cultural desse povo.

Esse trabalho a partir da História oral só terá sentido enquanto explicação histórica se for capaz de indicar quais caminhos essa tradição percorreu na sua constituição, e como contribuiu para a formação da identidade cultural do curaçense, do contrário poderá bem ser apenas um registro de memórias.

A história oral é a história viva e para alcançar essa “vida” que pulsa na memória do sujeito/entrevistado o historiador precisa saber perguntar, mas principalmente saber ouvir, haja vista ser na escuta que o sujeito se mostra, se revela e dá os indícios para a construção da narrativa histórica.

Aceves Lozano, 2006, salienta que: “A história oral é vista como método particular, mas não exclusivamente isso, pois também é considerada como um meio de estabelecer relações de maior qualidade e profundidade com as pessoas entrevistadas”, e a partir daí ter uma possibilidade de se aproximar das subjetividades por trás de seus sujeitos, carecendo, por vezes, de uma interpretação mais sutil do que seria preciso no caso de um trabalho com uma fonte escrita, onde existe por excelência um maior distanciamento entre o sujeito e o objeto de pesquisa.

No trabalho com história oral existe uma maior aproximação entre sujeito e objeto de pesquisa, ao decidir dentro de um universo de pessoas ou grupos que partilharam determinada experiência, quem serão os seus sujeitos, qual será a abordagem adotada, onde e como serão realizadas as entrevistas, tudo isso interfere na construção da narrativa.

Trazem importantes contribuições, também, as discussões de SCHIMIDT e CAINELI, 2009, sobre as possibilidades do trabalho com a oralidade em sala de aula, registrando a pluralidade de memórias sociais, culturais e populares, identificando as possibilidades de intervenção e participação na realidade em que os alunos vivem e a rejeição da chancela da memória nacional como memória coletiva única.

Ademais, o trabalho com a História Oral dá ao aluno o papel de protagonista dentro do processo de escrita da história, e o trabalho com História local. Selva Guimarães Fonseca, em seu estudo sobre a história local e a construção de identidades, problematiza estudo de história local/regional nas séries iniciais e evidencia algumas dificuldades de seu estudo, como a fragmentação do tema estudado da realidade dos bairros cidades e estados, e a naturalização da ideologia de vida social e política que mascara a divisão social e as lutas de classe, para ela o estudo sobre história local:

... requer do professor uma relação crítica com as concepções historiográficas e pedagógicas dominantes. Trata-se de assumir uma postura dialética que lhe permita captar e representar com seus alunos o movimento sócio- histórico e temporal das sociedades, as contradições, as especificidades, as particularidades, sem perder de vista a totalidade. (FONSCECA, 2003, p 170)

O ensino de história local coloca dessa forma, o aluno como o protagonista no processo de ensino aprendizagem, e contribui para a formação de uma visão e compreensão de mundo críticas, ele contribui, de igual maneira para a formação de uma consciência histórica que passa de modos tradicionais de pensamento aos modos genéticos.

Essa formação tem peso na relação moral entre nossas ações, nossa personalidade e nossas orientações valorativas, pois:

... quando se supõe que os valores morais guiem as ações que tomamos em uma dada situação, devemos relacionar os valores a essa situação, interpretar os mesmos e seu conteúdo moral com a referência à realidade em que os aplicamos, e avaliar a situação nos termos de nosso código de valores morais aplicáveis. Para essa mediação entre valores e realidade orientada pela ação, a consciência histórica é um pré-requisito necessário. (RÜSEN, 2011, p 55)

E de acordo com o tipo de consciência histórica, definidas por Rüsen em quatro tipos: Tradicional, Exemplar, Crítica e Genética, as decisões que definem as ações serão tomadas, e a forma como os alunos veem o mundo é moldada também.

MARUJADA DE CURAÇÁ: DE MANIFESTAÇÃO CULTURAL A OBJETO DE ESTUDO DE HISTÓRIA

A História foi largamente utilizada para a criação e a difusão de uma memória e de uma identidade nacional em vários períodos, cabendo a ela o papel de difusora, dessa História homogênea que abrangesse a diversidade da população brasileira (FONSECA, 2003). A partir dos anos 90, as discussões em torno das referências culturais trazem uma visão de Brasil plural, com uma diversidade sociocultural como base de sua formação. Ao se levar em conta essa diversidade, grupos - antes excluídos-, passaram a buscar também, o reconhecimento de seus bens culturais.

No ensino de história o trabalho com uma festa popular, que faz parte do universo cultural dos alunos, possibilita a aproximação entre o seu universo e a História ensinada na escola. Além disso, propicia que estes construam conhecimentos

significativos, levando-os a perceberem os processos de mudanças e permanências e construam um olhar investigativo e analítico acerca do tempo e do espaço.

Essa inserção da festa popular como material de estudo escolar, que traz consigo uma contextualização histórica e que os alunos conhecem e muitos participam, é contribuir para um processo de construção de conhecimento histórico amplo e significativo.

Ao trabalhar com as memórias da marujada é possível acessar as memórias coletivas do grupo segundo a definição de Maurice Halbwachs (1990, apud BOSI,1994), as memórias coletivas estariam assentadas no que é comum ao grupo, nas interações entre os seus membros que permite que as memórias encontrem apoio nas memórias de outros, com pontos de encontro e interação. Seriam então as memórias surgidas da interação social. Estas memórias partilhadas pelo grupo são pontos de referência importantes para a construção do sentimento de identidade e pertença dos curaçenses, possibilitando assim o trabalho com fontes no ensino de história.

O trabalho com memórias da Marujada de Curaçá apresenta-se como oportunidade de relacionar a realidade do aluno com a História ensinada em sala de aula possibilitando que este desenvolva a capacidade de pensar historicamente, entendendo-se como sujeito possuidor também de memórias e participe da História.

Ao trabalhar com memórias como possibilidade para o Ensino de História, este ancora-se na concepção de Koselleck:

Não há dúvida de que a narração de histórias faz parte da sociabilidade dos homens. Mais: sem história não há memória, não há nada em comum, não há auto definição de grupos sociais ou de unidades de ação políticas os quais só conseguem se constituir em elementos agregadores através de memórias comuns. (2013, p. 37)

Ao referir-se aos estudos de Halbwachs sobre memória (1990, apud BOSI 1994, p.54) nos lembra que, “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de referência peculiares a esse grupo”.

Assim, trabalhar a Marujada nas aulas de História, leva a reflexão de uma prática dos alunos como parte da cultura popular brasileira, historicizando e problematizando as práticas culturais.

Para entender como a participação na Marujada contribui para a formação das práticas culturais dos curaçenses, é preciso refletir a partir de CERTEAU, 1994,

quando defende que “para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza”.

Agindo assim, ‘costurando’ o ensino histórico às práticas culturais da Marujada, o ensino de História passa a tornar-se um conhecimento a ser construído e re-construído pelos autores/alunos/marujos. E estes, atribuirão a seu ‘fazer’ cultural da marujada o sentido de, também, refletirem sobre a importância do seu papel na construção de sua identidade histórica individual e coletiva, pensando sobre as permanências que mostram a diferença entre um passado e seu presente, e a necessidade de relatá-la, analisa-la e explicá-la no presente.

É possível pensar a construção do conhecimento histórico a partir de um lugar social, dialogando com CERTEAU, 2010, além das escolhas, valores e crenças de seu produtor “é em função deste lugar que se instaura os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam”. Portanto, ao trabalhar com memória e história, não se pode perder de vista que a subjetividade influi diretamente na narrativa. Portanto, as memórias não podem ser entendidas como verdades absolutas, mas apenas como versões do real que precisam ser como qualquer outra fonte, criticadas.

O trabalho com memórias dá aos alunos essa possibilidade de confrontar versões para um mesmo acontecimento, ou mesmo fazer com que estes percebam que fatos que são lembrados apenas de forma passageira por uns ganham contornos especiais para outros, contribuindo assim para que estes exercitem um princípio fundamental do ofício do historiador, que é a certeza de que a História é viva e que ela sempre irá se enriquecer a partir das perguntas que o tempo presente traz sobre o passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar um trabalho com memórias este não se construirá sobre o passado, visto que, as memórias partem do tempo presente e revisitando o passado lhe atribui significados e ressignifica o futuro. Mas é um trabalho ímpar para a formação dos alunos, como para a consciência histórica destes, as narrativas orais sobre o passado inserem os mesmos nas temporalidades, e os coloca de frente para os fatos passados, de modo divergente ao que convencionalmente se faz com livros.

Conseguir fazer esta interligação entre o passado e o presente, através do estudo de uma prática cultural como a Marujada no ensino de história é, não apenas historicizar, no sentido de registrar acontecimentos, representa atribuir sentido a esta prática e a vivência desta em um determinado lugar social. E isso é tornar o ensino de História vivo e significativo para aqueles sujeitos que, além das margens da história, pretendem-se construtores e contadores orais e/ou escritos da história de seu tempo e lugar.

É também pensar uma relação do micro ao macro, onde o aluno aprende sua história e entende que esta faz parte de uma rede maior de acontecimentos, ou seja, a história de Curaçá, através da marujada, está inserida e parte determinante da História do Brasil, assim como os alunos estão inseridos e são parte determinante dessa mesma história.

O trabalho com a História Local, pelas vias da memória, proposto nesse estudo, versa sobre inclusão dos alunos enquanto sujeitos históricos, ao passo em que produzem a História que irão estudar.

REFERÊNCIAS

ACEVES LOZANO, Jorge Eduardo. **Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea** In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaína. Usos e abusos da História Oral. 8ª edição, Rio de Janeiro-RJ: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes;. **Usos e abusos da História Oral**. 8ª edição, Rio de Janeiro-RJ: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. xvii.

BOSSI, Ecléa. **Memória e sociedade**, lembranças de velhos. 3ªed. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.

DE CERTEAU, Michel, **A invenção do cotidiano**, Artes de fazer. Petrópolis:Voices, 1994.

_____. **A escrita da História**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010.

FRANCOIS, Etienne. **A fecundidade da história oral** In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaína. Usos e abusos da História Oral. 8ª edição, Rio de Janeiro-RJ: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006.

Anais da X Semana Nacional de História CFP/UFMG

FREITAS, Itamar. **Fundamentos teórico-metodológicos para o ensino de História.** São Cristóvão; Editora UFS,2010.

KOSELLECK, Reinhart. **Conceito de História.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. **Estratos do tempo: estudos sobre a História.** Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-RJ, 2014.

LOPES, Esmeraldo. **Caminhos de Curaçá .** Curaçá: Gráfica Franciscana, 2000.

PAIM, Elison Antonio, Lembrando eu existo In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias (coord). **História: ensino Fundamental,** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. P 83-104.

PAVIANI, N. M. S. **Aprendizagem na perspectiva da teoria do interacionismo sociodiscursivo de Bronckart.** In: **Revista Espaço Pedagógico.** Vol. 18, n. 1, p. 58-73, Passo Fundo, jan./jun. 2011.

RÜSEN, Jörn. **Jörn Rüsen e o ensino de história.** Orgs: Maria Auxiliadora Schmidt et al. Curitiba: Ed UFPR, 2011

SCMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** 2º Ed. São Paulo: Spione, 2009.